

**NOS PASSOS DE JANE AUSTEN: O ESPAÇO LITEROGEOGRÁFICO
NOS ROMANCES AUSTENIANOS**

**IN THE FOOTSTEPS OF JANE AUSTEN: THE LITEROGEOGRAPHIC
SPACE IN THE AUSTENIAN NOVELS**

**TRAS LAS HUELLAS DE JANE AUSTEN: EL ESPACIO
LITEROGEOGRÁFICO EN LAS NOVELAS AUSTENIANAS**

*Ana Cláudia Boavida Salgueiro da Silva*¹

CIAC-UALG / CEL-UÉ, Portugal

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a representação do espaço na obra romanesca de Jane Austen, nomeadamente em *Sense and Sensibility*, *Pride and Prejudice*, *Emma* e *Persuasion*, que reproduzem, não só o quotidiano e os costumes da época oitocentista em Inglaterra, mas também as relações pessoais e sociais coevas, particularmente vivenciadas no espaço rural. Esta espacialidade, apresentada por determinadas expressões literogeográficas, permite aos leitores deambularem por diversos microcosmos, ou seja: através dos seus textos, Jane Austen vai construindo essa geografia, guiando os leitores numa viagem pelos lugares com significado, que os mesmos reconhecem e onde se reveem.

Palavras-chave: espaço literogeográfico; romances; Jane Austen.

Abstract: This work aims to analyze the representation of space in the novel by Jane Austen, namely in *Sense and Sensibility*, *Pride and Prejudice*, *Emma* and *Persuasion*, which reproduce not only the daily life and customs of the nineteenth century in England, but also contemporary personal and social relationships, particularly experienced in rural areas. This spatiality, presented by certain literogeographic expressions, allows readers to wander through different microcosms, that is: through her texts, Jane Austen builds this geography, guiding readers on a journey through places with meaning, which they recognize and where they see themselves.

Keywords: literogeographic space; novels; Jane Austen.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la representación del espacio en la novela de Jane Austen, concretamente en *Sentido y Sensibilidad*, *Orgullo y Prejuicio*, *Emma* y *Persuasión*, que reproducen no sólo la vida y las costumbres cotidianas del siglo XIX en Inglaterra, sino también las relaciones personales y sociales contemporáneas, especialmente vividas en las zonas rurales. Esta espacialidad, presentada por determinadas expresiones literogeográficas, permite al lector deambular

¹ Doutorada em Literatura pela Universidade de Évora e licenciada no Curso de Professores do Ensino Básico, variante Português / Francês, pelo Instituto Politécnico de Portalegre. Recebeu uma Bolsa de Mérito. Atua na área de Humanidades com ênfase em Línguas e Literaturas, assim como na área do Turismo Literário. E-mail: anabssilva@gmail.com

por diferentes microcosmos, es decir: a través de sus textos, Jane Austen construye esta geografía, guiando a los lectores en un viaje por lugares con significado, que reconocen y donde se ven a sí mismos.

Palabras clave: espacio literogeográfico; novelas; Jane Austen.

1. INTRODUÇÃO

Sendo a literatura uma arte transversal que se constitui como potencial de sensibilização para os lugares e para os territórios, marca esta área de estudo, de forma indelével e recíproca, locais e cenários que servem de inspiração a autores para a composição das suas obras literárias. Tal é o caso da autora britânica Jane Austen (1775-1817) que, mais de duzentos anos depois, continua a ser lembrada e homenageada, pois é uma das escritoras mais lidas em todo o mundo.

Jane Austen nasce em Steventon em 1775 e falece em Winchester em 1817. Desde muito cedo, começa a escrever: *Juvenilia* inclui diversas paródias da literatura da época e é escrita entre 1787 e 1793; entre 1793 e 1795, a autora escreve *Lady Susan*, um curto romance epistolar, seguindo-se as primeiras versões dos romances *Sense and Sensibility*, *Pride and Prejudice* e *Northanger Abbey*, escritos entre 1795 e 1799 e publicados anos mais tarde.

Entretanto, a família de Jane Austen muda-se para Bath e, enquanto permanece nesta estância termal, a autora começa um novo romance que, todavia, não termina: *The Watsons* (1804), cuja ação narra a história de um pastor inválido, com pouco dinheiro e a cargo de quem estão as suas quatro filhas solteiras.

Em 1809, depois de permanecer algum tempo em Southampton, Jane Austen muda-se com a família para Chawton, localidade situada em Hampshire, a mesma região da sua infância. A escritora retoma as atividades literárias, fazendo a revisão de *Sense and Sensibility*, publicado em 1811.

Animada pelo êxito deste romance, Austen publica, em 1813, *Pride and Prejudice* e a sua popularidade aumenta. No ano seguinte (1814), publica *Mansfield Park*, um exame subtil sobre a posição social e a integridade moral; em 1815, publica o romance *Emma*, dedicado ao Príncipe Regente (1762-1830), futuro Jorge IV.

Em 1817, dá início a *Sanditon*, que deixa inacabado e que se centra na transformação daquela aldeia piscatória em estância balnear. Os romances *Persuasion* e

Northanger Abbey são publicados, em 1818, por Henry Austen (1771-1850), um dos irmãos da romancista, sendo que esta última obra apresenta um quadro irônico sobre a vida social em Bath e uma crítica aos romances góticos da época.

Efetivamente, toda a obra austeniana contempla, na sua tessitura narrativa, um conjunto de elementos coerentemente encadeados, como, por exemplo, a escolha do espaço onde as diegeses dos romances se desenrolam.

Assim, seguindo os passos de Jane Austen, este trabalho visa analisar a representação do espaço literogeográfico, nomeadamente em *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Emma* (1815) e *Persuasion* (1818), que reproduzem, não só o quotidiano e os costumes da época oitocentista em Inglaterra, mas também as relações pessoais e sociais da época, particularmente vivenciadas no espaço rural.

2. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO LITEROGEOGRÁFICO NOS ROMANCES AUSTENIANOS

O espaço é uma das mais importantes categorias da narrativa, “pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam” (Reis e Lopes, [1987] 2011, p. 135). Fazendo jus a estas particularidades, a obra austeniana privilegia o cenário campestre, que promove, segundo a autora, a regeneração individual e conserva, de modo mais genuíno, a instituição “casamento”, tido como pilar de sustentabilidade e de progresso, assim como de aperfeiçoamento moral da sociedade. Com efeito, este ambiente espacial é um elemento primordial na ficção de Jane Austen: por um lado, surge como representação da paisagem natural e, por outro, emerge como contextualização de personagens e acontecimentos.

Na verdade, o conceito de paisagem subjaz à matriz diegética dos romances austenianos, como sistema de significação em que o literário pode surgir como atração turística dos lugares – os denominados “lugares literários”, porque aportam um sentido literário aos lugares.

Segundo Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro,

no caso dos lugares literários, o que está na base da sua criação e da sua identidade é [...] o conhecimento do texto literário e do seu autor. Consequentemente, a escrita, a autoria e o conhecimento da referência literária são as fronteiras que delimitam e determinam os lugares literários, na medida em que é uma menção a um lugar no tecido textual, ou no percurso biográfico do autor, que ao ser “arrastada” [...] para a paisagem física permite a criação de um lugar literário (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 53).

A representação da paisagem decorre, pois, do interesse gradual do indivíduo por esta temática, revelando igualmente a sua vontade de se deslocar aos pontos geográficos referenciados nos textos literários. Neste sentido, a paisagem descrita nos romances de Jane Austen é “sempre organizada pela apreensão de um olhar (pontualmente) fixo, pressupondo a perspectiva que se exerce sobre um todo homogéneo, preferencialmente captado por uma direcção (oblíqua) e um sentido (descendente) do olhar” (Buescu, 1990, p. 66). Tal pressupõe a existência de um sujeito que, através do olhar, observa e apreende uma unidade, neste caso, a natureza. A descrição consiste, por conseguinte, na representação do ato perceptivo, implicando a organização de elementos num sistema explorado pela sensação visual e permitindo a compreensão global das narrativas: o leitor vai criando imagens em que se inserem as personagens e às quais atribui certos sentidos pela sua integração no espaço.

Deste modo, a descrição da paisagem por parte da romancista (o reconhecido “showing” por oposição a “telling”, respeitante à narração) surge, quer como ponto funcional das intrigas, quer como estrutura textual relevante para a compreensão ficcional, ao interferir na vivência das personagens e na previsibilidade das ocorrências.

Jane Austen elege, como vetor narrativo dos seus romances, o casamento entre os protagonistas, com vista à harmonização dos pares e consequente estabilidade emocional, social e financeira. Para que tal desiderato seja exequível, muito contribui a escolha do espaço em que decorre a ação romanesca. Como referimos anteriormente, os enredos austenianos são criados, principalmente, no ambiente campestre por ser este o espaço que mantém, de acordo com a concepção da autora, a autenticidade da instituição “casamento”, contrariamente ao ambiente citadino, mais propício aos vícios e devaneios. Não obstante este facto, Londres – o local por excelência dos negócios e do lazer, caracterizado por Jorge de Sena como “uma cidade imensamente grande” (Sena, 1986, p. 37), centro da primeira potência comercial e industrial do mundo –, é também

espaço de revelações, de encontros e de reencontros. As alusões à capital inglesa são, no entanto, escassas, na medida em que se trata de uma cidade praticamente desconhecida para Jane Austen, pelo que a sua obra se centra, fundamentalmente, no ambiente em que a autora vive e que conhece: o espaço rural. Aliás, naquela época, “crescia o interesse pela calma patriarcal da vida campestre, pelas florestas e pelo isolamento lá ainda possível, em desfavor da artificialidade e das multidões dos meios urbanos” (Furtado, 1994, p. 30).

O gosto pela ruralidade passa a integrar a vivência dos intervenientes, podendo estabelecer-se a relação entre personagens, ação e espaço, em que se constrói uma “história”, fundamentada em relações interpessoais e sociais, baseadas no matrimónio, e que interliga essas afinidades com o cenário escolhido. Esta espacialidade, apresentada por determinadas expressões literogeográficas, permite aos leitores deambularem por estes microcosmos, ou seja: através dos seus textos, Jane Austen vai construindo essa geografia, guiando os leitores numa viagem pelos lugares com significado, que os mesmos reconhecem e onde se reveem.

De facto, pela arte pessoal de estilo perfeito que a torna “a highly sophisticated artist” (Williams, [1970] 1984, p. 109), Jane Austen distingue-se no panorama literário inglês, ao apresentar uma comunidade conhecida dos leitores, criando uma estrutura de sensibilidade que

articula a relação entre a literatura e a totalidade da experiência social ao ligar os valores, os significados e as formas de expressão inerentes à estrutura interna de qualquer texto literário com a experiência dos seres humanos num determinado tempo e local. É na arte, mais propriamente na arte literária, que podemos encontrar a estrutura de sensibilidade em solução relacionando-se com a emergência de movimentos e tendências efectivos, na vida intelectual e artística, que têm influência decisiva e significativa no desenvolvimento activo da cultura (Birrento, 2002, p. 145).

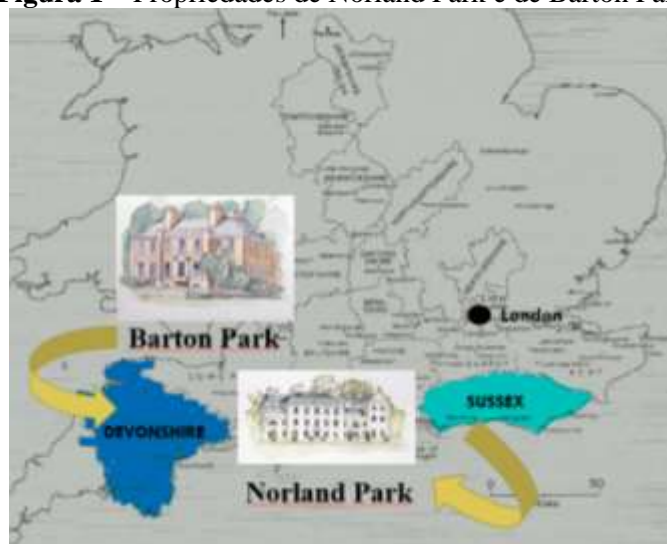
É esta relação entre sociedade e experiência individual, entre passado e presente, que a autora pretende demonstrar – estrutura esta partilhada pelos leitores, sendo possível compreender-se a cultura da época.

2.1 *Sense and Sensibility*

No romance *Sense and Sensibility*, publicado em 1811, são representadas as propriedades rurais de Norland Park, em Sussex, e de Barton Park, em Devonshire, caracterizadas como lugares agradáveis e tranquilos, onde se encontra a felicidade adveniente da relação profícua entre beleza e produtividade:

It was a pleasant fertile spot, well wooded, and rich in pasture [...]. The village of Barton was chiefly on one of these hills, and formed a pleasant view from the cottage windows. The prospect in front was more extensive; it commanded the whole of the valley, and reached into the country beyond² (AUSTEN, [1811] 1995, pp. 24-25).

Figura 1 – Propriedades de Norland Park e de Barton Park



Fonte: Elaboração própria.

Norland Park é o local onde as protagonistas – as irmãs Elinor e Marianne Dashwood – residem, mas, com o falecimento do pai, as jovens são obrigadas a mudar-se para uma casa na propriedade do familiar Sir John Middleton. Como exemplo, transcrevemos uma passagem alusiva à ambiência natural de Norland Park: “‘Dear, dear Norland!’ said Marianne [...], ‘when shall I cease to regret you! – when learn to feel a home elsewhere! [...] – And you, ye well-known trees! – but you will continue the same!’”³ (Austen, [1811] 1995, p. 23).

² Tradução nossa: “Era um lugar agradável e fértil, muito arborizado e rico em pastagens [...]. A aldeia de Barton localizava-se num desses montes e proporcionava uma bonita vista das janelas da casa. Da parte da frente, o panorama era mais amplo, dominava todo o vale e atingia a região seguinte”.

³ Tradução nossa: “– Querida, querida Norland! disse Marianne [...]. – Quando deixarei de sentir a tua falta? Quando aprenderei a sentir-me em casa noutro lado? [...] E vocês, bem conhecidas árvores! Vocês continuarão na mesma!”

Marianne é o reflexo da natureza e, devido à mudança de residência, repercute o seu sofrimento no discurso que utiliza para se dirigir à casa e às árvores, que concebe como interlocutores, vindo nelas a base do seu bem-estar, o qual será interrompido com a partida para outro local.

Assim, tratando-se de uma questão de percepção,

a paisagem literária representa a natureza [...] [que] é, como sempre foi, um *acontecimento humano*, um acontecimento perante a consciência do humano. Neste sentido, as paisagens literais ou metafóricas representadas dão conta de diversíssimas formas de o humano se auto-perceber. É na literatura que tal também acontece (BUESCU, 2012, p. 202).

Tal sucede com as protagonistas, sendo que o interesse das irmãs pelo aspeto do novo condado vai crescendo. Tal momento constitui um ponto de viragem na narrativa, visto que é fora do seu antigo ambiente familiar que Marianne descobre uma nova paixão e Elinor consolida os seus sentimentos relativamente ao futuro par. As jovens são, entretanto, convidadas a passarem a estação de inverno em Londres. Esta ida para a capital marca o ponto culminante, porquanto, através desta viagem, as protagonistas têm oportunidade de alargar o seu conhecimento sobre o mundo, diferente do seu ambiente mais próprio – o meio campestre. Porém, é na capital londrina que ambas tomam conhecimento da existência de mulheres rivais (Lucy Steele e Sophia Grey), as quais desafiam a sua felicidade.

Marianne, apaixonada pelo conquistador John Willoughby, é confrontada com a indiferença do jovem, descobrindo que ele a trocara por uma mulher mais rica, e Elinor descobre o compromisso escondido de Edward Ferrars, por quem está enamorada.

Ao ambiente de bem-estar e de serenidade, opõe-se, desta forma, o meio urbano – o local por excelência dos negócios, do divertimento, das festas e também das desilusões. Na verdade, Jane Austen constrói este romance, dividindo-o em três partes que consistem na mudança de espaço: primeiro, nas propriedades rurais; depois, em Londres; por último, na zona rural de Cleveland (Somersetshire) e na aldeia de Delaford (Dorsetshire).

No primeiro espaço, as personagens principais encontram os futuros maridos; em Londres, defrontam-se com deceções amorosas, sendo o último espaço o de

transição para o refúgio das jovens com vista à vivência plena do casamento, só possível no ambiente campesino.

De realçar o facto de que a transição de espaço por parte de Elinor e de Marianne do meio rural para o meio citadino não provoca nelas uma perda de cultura ou de educação. Pelo contrário, possibilita-lhes alterar alguns pontos da sua personalidade, tornando-as mais firmes e mais equilibradas, dado que podem aperceber-se de que na vida é necessário possuir, simultaneamente, sensibilidade e bom senso, para que se possa viver em harmonia consigo próprio e com os outros.

2.2 *Pride and Prejudice*

Já em *Pride and Prejudice*, publicado em 1813, as personagens deslocam-se pelas regiões de Hertfordshire (Longbourn, Netherfield Park e Meryton), Derbyshire (Pemberley), Kent (Rosings) e Sussex (Brighton).

O romance inicia-se com a referência feita ao facto de o jovem Charles Bingley alugar a propriedade de Netherfield Park, situada perto de Longbourn, onde reside a família Bennet. Bingley conhece uma das filhas do casal, Jane Bennet, por quem se apaixona, sendo que o seu amigo Darcy se interessa também pela irmã de Jane – Elizabeth Bennet –, ainda que não o demonstre claramente, devido ao estatuto social da jovem.

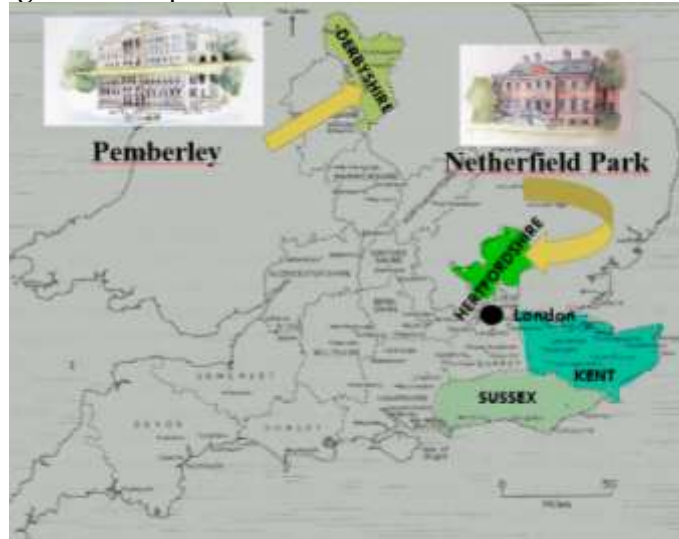
Jane é convidada para jantar em casa de Bingley, mas, dada a tempestade que, entretanto, se gera, a jovem detém-se em Netherfield, onde se mantém durante alguns dias por estar doente e para onde se desloca Elizabeth para acompanhar e cuidar da irmã.

Relativamente a Pemberley, é neste espaço que se situa a propriedade de Darcy e onde o jovem e Elizabeth se reencontram, o qual marca o início do processo de conhecimento profundo de que resulta o casamento entre ambos:

It was a large, handsome, stone building, standing well on rising ground, and backed by a ridge of high woody hills; – and in front, a stream of some natural importance was swelled into greater, but without any artificial appearance. Its banks were neither formal, nor falsely adorned. Elizabeth was delighted. She had never seen a place for which nature had done more, or where natural beauty had been so

little counteracted by an awkward taste⁴ (AUSTEN, [1813] 1990, p. 215).

Figura 2 – Propriedades de Netherfield Park e de Pemberley



Fonte: Elaboração própria.

Ainda no âmbito do ambiente natural, favorável ao idílio, de salientar a referência feita pela autora à região dos Lagos, que remete para os poetas românticos, seus contemporâneos, William Wordsworth (1770-1850) e Samuel Coleridge (1772-1834), provenientes dessa região e conhecidos por “Lake Poets”, devido ao facto de habitarem na referida região, caracterizada pelas extraordinárias paisagens que servem de inspiração para as suas obras. Estes poetas publicam *Lyrical Ballads*, em 1798, apelando às emoções, ao indivíduo e à natureza e essas produções resultam da inspiração capaz de uma maior apreensão da realidade.

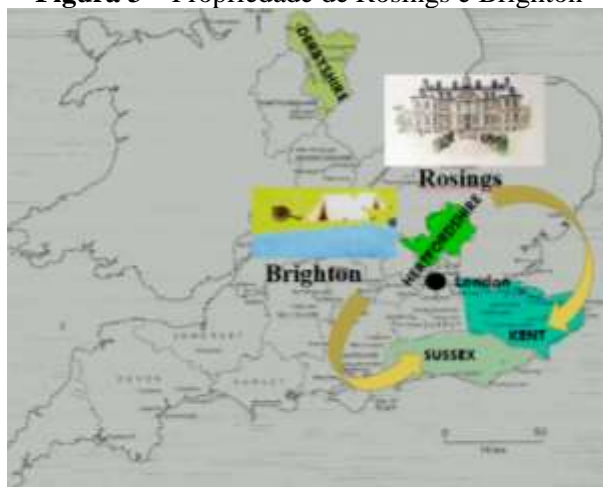
Rosings e Hunsford (Kent) são locais igualmente referenciados e são, respetivamente, a propriedade da tia de Darcy, Lady Catherine de Bourgh, e a paróquia do clérigo Collins, presumível herdeiro da propriedade de Longbourn.

Rosings figura na ação como contraponto de Pemberley, cuja representação ajuda os leitores a conhecerem melhor as personagens, permitindo reflexões por parte de quem se movimenta nestes lugares e promovendo, simultaneamente, a aproximação entre os protagonistas.

⁴ Tradução nossa: “Tratava-se de um imponente e belo edifício situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma ou outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa corria um riacho de caudal regular que, represado, formava um pequeno lago. As suas margens não haviam sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth estava encantada. Nunca vira lugar tão bem-dotado pela natureza. Ali, a sua beleza natural não fora ainda adulterada por artifícios de um gosto duvidoso”.

Quanto a Meryton e Brighton, estes são dois locais de passagem, onde se encontram militares que atraem a atenção das raparigas mais novas, incluindo as irmãs de Elizabeth – Lydia e Catherine (Kitty) Bennet. Para além de estância balnear, Brighton é também a cidade esplendorosa do Príncipe Regente, o futuro rei Jorge IV, que aí passa grande parte do seu tempo de lazer e onde manda construir o Pavilhão Real com influências asiáticas.

Figura 3 – Propriedade de Rosings e Brighton



Fonte: Elaboração própria.

Também, neste romance, as protagonistas se dirigem à capital inglesa, quer como local de férias para passar as temporadas de inverno, quer como local de percepção de outra realidade. Londres representa a mudança na relação entre Elizabeth e Darcy, uma vez que é nesta cidade que Elizabeth tem conhecimento da fuga da irmã Lydia com o oficial da milícia George Wickham, sendo também neste espaço citadino que Darcy revela os seus princípios morais e amorosos. As referências a Londres são diminutas, mencionando-se apenas uma hospedaria, um teatro e uma rua em particular, a rua Gracechurch, onde habitam os Gardiner, tios de Elizabeth.

Como afirma Hana Wirth-Nesher, “what may appear to be a “given” geographically, or what may seem merely a peripheral concession to fact (such as a street name or familiar landmark), can be a significant cultural locus”⁵ (Wirth-Nesher, 1996, p. 9).

⁵ Tradução nossa: “O que pode parecer geograficamente um “dado”, ou o que pode ser visto apenas como uma concessão periférica a um facto (como o nome de uma rua ou um ponto de referência familiar), pode ser um local cultural significativo”.

Com efeito, Jane Austen pretende evidenciar com mais detalhe os pensamentos e as relações das personagens e alongar-se nas referências a espaços naturais em detrimento da especificação de lugares já conhecidos pelos leitores: “It is not the object of this work to give a description of Derbyshire, nor of any of the remarkable places through which their route thither lay; Oxford, Blenheim, Warwich, Birmingham, &c. are sufficiently known”⁶ (Austen, [1813] 1990, p. 213).

2.3 *Emma*

Em consonância com o espaço rural, a ação do romance *Emma*, publicado em 1815, centra-se na “grande e populosa vila” (Austen, [1815] 1998a, p. 5) de Highbury (Surrey); nas propriedades de Hartfield, pertencente a Emma Woodhouse; de Donwell Abbey, de George Knightley; de Abbey-Mill, cujo rendeiro é Robert Martin, e de Randalls, pertença do casal Weston.

É feita alusão a Bath (Somersetshire), complexo termal de referência, onde o jovem vigário Mr. Elton, depois de rejeitado por Emma, procura encontra a sua noiva (Miss Hawkins); alude-se também a Weymouth (Dorsetshire), zona balnear que se torna, entretanto, um local privilegiado na sequência do desprestígio associado a Bath como local de lazer. É em Weymouth que Jane Fairfax e Frank Churchill se conhecem, se apaixonam e estabelecem um compromisso em segredo.

Box Hill (Surrey) e Londres são também dois locais referidos: o primeiro é um local montanhoso para onde, num dia quente de verão, as personagens se dirigem, em passeio; o segundo espaço é a capital, local de divertimentos, de negócios e de comércio, onde reside Jane Fairfax e Isabella Woodhouse, irmã de Emma.

Enquanto os primeiros são os espaços da domesticidade, os segundos são os lugares de encontros e revelações, dando-se especial destaque a Box Hill, uma vez que, após o referido passeio, são despoletados diversos sentimentos – Jane fica magoada com Frank e Emma fica incomodada com as palavras de George Knightley, porque ele a censura:

⁶ Tradução nossa: “Não constitui objetivo desta obra fazer a descrição do Derbyshire, nem dos vários locais famosos por que passaram; Oxford, Blenheim, Warwich, Birmingham, etc., são suficientemente conhecidos”.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1996, p. 258).

Já a capital londrina é o local de reencontro entre Harriet Smith, a jovem amiga de Emma, e Robert Martin, sendo também o refúgio de George Knightley, após uma discussão com Emma, que o leva a afastar-se. É curioso que, neste romance, a personagem principal não sai do seu círculo de residência, tomando conhecimento e estabelecendo relações com outras personagens aquando da deslocação destas para Highbury. Ao contrário do que sucede com Elinor e Marianne Dashwood, bem como com Elizabeth e Jane Bennet, que se dirigem a Londres, Emma centra-se apenas no seu ambiente, o que revela a liderança desta heroína austeniana que controla tudo em seu redor, circunscrevendo-se à comodidade do seu espaço. Aliás, Emma não tem necessidade de se deslocar, uma vez que descobre o amor no seu próprio meio, enquanto as protagonistas dos outros romances são confrontadas com revelações que facilitam a sua aproximação com os futuros pares.

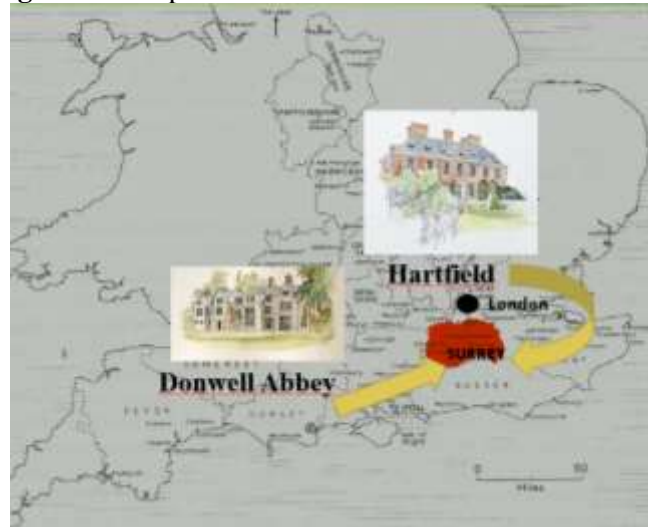
Na verdade, Emma, extremamente dedicada ao pai, ainda pondera se deve casar ou se deve permanecer junto do progenitor, dificuldade resolvida pela determinação de Knightley, que assegura a Emma a sua permanência em Hartfield. Será, pois, George a deslocar-se para a propriedade da jovem, que se sente confortável no seu meio de convivência social, criando círculos de identidade à sua volta.

A título ilustrativo, transcrevemos uma passagem em que se evidenciam os sentimentos de Emma relativamente a Knightley e dos quais a jovem se apercebe face à pureza do local onde se encontra. Este espaço não está danificado pelo ser humano, conservando a sua beleza original – Donwell Abbey:

Its ample gardens stretching down to meadows washed by a stream, of which the Abbey, with all the old neglect of prospect, had scarcely a sight – and its abundance of timber in rows and avenues, which neither fashion nor extravagance had rooted up⁷ (Austen, [1815] 1998a, p. 323).

⁷ Tradução nossa: “Os seus amplos jardins descendo até aos prados, banhados por um riacho, do qual Abbey, que se perdia na distância, mal podia ser avistada – e a sua abundância de árvores, formando extensas alas e avenidas, que nem a maior extravagância conseguiria abater”.

Figura 4 – Propriedades de Hartfield e de Donwell Abbey



Fonte: Elaboração própria.

O ambiente natural aparece, deste modo, como cenário, como testemunha e como expressão do estado de espírito das personagens, ressaltando a grandiosidade e a beleza dos espaços rurais: “It was a sweet view – sweet to the eye and the mind. English verdure, English culture, English comfort, seen under a sun bright, without being oppressive”⁸ (Austen, [1815] 1998a, p. 325).

2.4 Persuasion

No que diz respeito a *Persuasion* (1818), este romance está tendencialmente direcionado para a vida pública. Embora se faça referência a situações passadas em cenários interiores de domesticidade, é essencialmente nos ambientes exteriores da esfera pública que a ação se desenrola: passeios, concertos e convívio social.

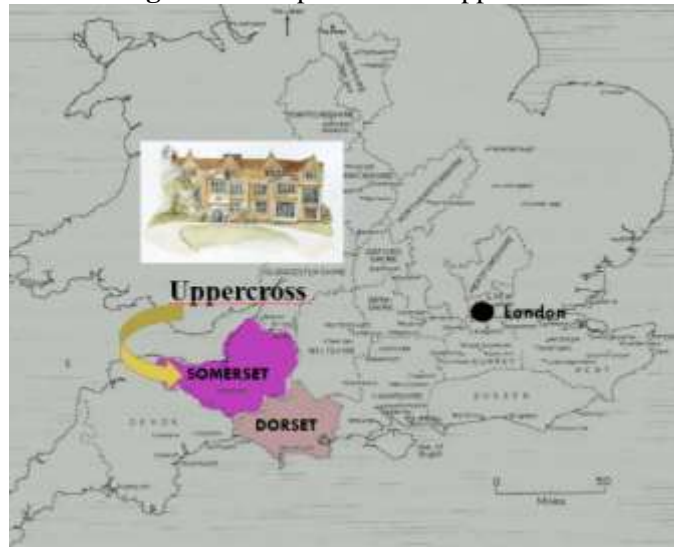
A ação desenvolve-se nas propriedades situadas no meio rural em que sobressai a natureza com todas as qualidades, conducentes a momentos de harmonização, porquanto é, na região da sua residência (Kellynch Hall – Somersetshire), que Anne Elliot se apaixona por Frederick Wenworth, sendo em Uppercross (Somersetshire), propriedade da família Musgrove (cunhado de Anne) que os protagonistas se reencontram.

Segundo Jane Austen,

⁸ Tradução nossa: “Era uma vista extremamente aprazível – aprazível para os olhos e para o espírito. Era a vegetação, a fertilidade, o conforto de Inglaterra, vistos sob um sol resplandecente, sem ser opressivo”.

scenes had passed in Uppercross, which made it precious. It stood [...] some instances of relenting feeling, some breathings of friendship and reconciliation, which could never be looked for again, and which could never cease to be dear⁹ (AUSTEN, [1818] 1998b, p. 117).

Figura 5 – Propriedade de Uppercross



Fonte: Elaboração própria.

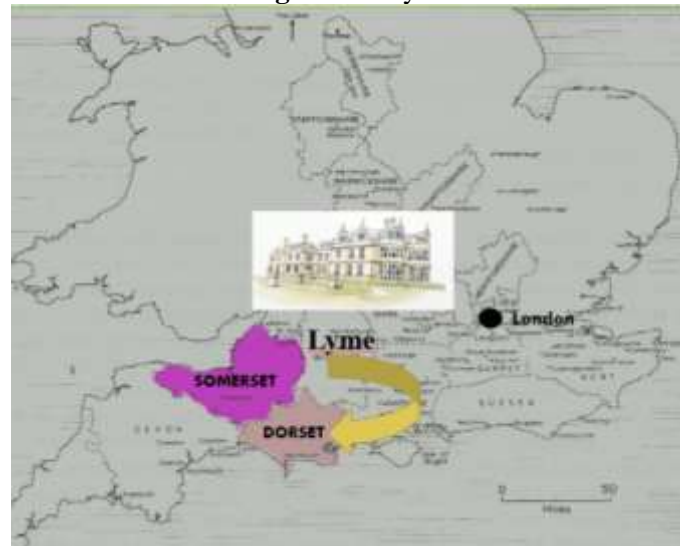
Do mesmo modo, Winthrop (Somersetshire), propriedade de Charles Hayter (primo dos Musgrove) constitui o local onde o grupo de personagens, entre as quais Anne e Frederick, se desloca em passeio e no qual se promove a aproximação do par protagonista. Este local de celeiros e construções agrícolas confirma o conhecimento de Jane Austen acerca das transformações que ocorrem na sociedade da época e que se relacionam, não só com a existência de uma grande parte de propriedades rurais, mas também com as novas técnicas promovidas pelas Revoluções Agrícola e Industrial. Com efeito, o elevado número de propriedades rurais destinava-se ao cultivo de produtos para subsistência da população inglesa.

Também Lyme (Dorsetshire), local onde se regista o episódio da queda de Louisa Musgrove, se revela decisivo para a reaproximação dos heróis da diegese, surgindo descrito do seguinte modo:

⁹ Tradução nossa: “Tinham ocorrido em Uppercross cenas que tornavam esta terra preciosa. Ela representava [...] alguns momentos de sentimentos ternos, alguns vislumbres de amizade e reconciliação que nunca voltaria a encontrar e que nunca deixariam de lhe ser caros”.

The scenes in its neighbourhood, Charmouth, with its high grounds and extensive sweeps of country, and still more its sweet retired bay, backed by dark cliffs [...], for sitting in unwearied contemplation; – the woody varieties of the cheerful village of Up Lyme [...]: these places must be visited, and visited again, to make the worth of Lyme understood¹⁰ (AUSTEN, [1818] 1998*b*, pp. 93-94).

Figura 6 – Lyme

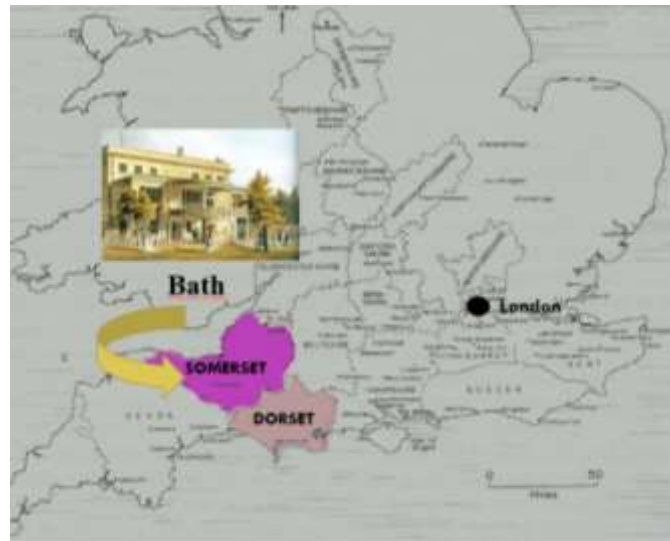


Fonte: Elaboração própria.

Porém, é em Bath (Somersetshire) – uma estância termal muito apreciada no período da Regência (o qual decorre entre 1811 e 1820, sendo considerado uma época de elegância, de requinte, de opulência e de ambição) – que o enredo tem o seu desfecho, apresentando-se para Anne como um espaço praticamente desconhecido, mas que, longe do bulício da capital, é escolhido por Jane Austen para a reconciliação do par principal. Neste local, ocorre um concerto que, pela envolvência gerada, despoleta sentimentos em Anne e em Frederick.

Figura 7 – Bath

¹⁰ Tradução nossa: “As paisagens de Charmouth, com os seus belos parques e longas extensões de terreno e, ainda mais, a encantadora e tranquila baía rodeada de rochedos escuros [...], para ficar sentado em contemplação; os bosques da alegre aldeia de Up Lyme, com inúmeras variedades de árvores [...]: estes locais têm de ser visitados e revisitados, para se poder compreender o valor de Lyme”.



Fonte: Elaboração própria.

Tal como Emma, Anne não conhece a capital, circunscrevendo-se ao espaço da sua vivência, fazendo-se apenas alusão à deslocação que Sir Elliot e a filha Elizabeth (respetivamente, o pai e a irmã de Anne) fazem a Londres para “desfrutar das diversões do grande mundo” (Austen, [1818] 1998b, p. 13).

Em *Persuasion*, Londres é exclusivamente local de passagem de temporadas, sendo que quem se dirige à capital não é a protagonista, mas, pelo contrário, as personagens extravagantes, pertencentes à vaidosa aristocracia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representando a experiência individual e privada, contextualizada no mundo social, e procurando compreender as sensibilidades de uma época e de um espaço determinados, Jane Austen destaca-se no panorama literário da Inglaterra de finais do século XVIII e primeira metade do século XIX. Pelo poder imagético das palavras, a autora convida os leitores a viajarem e a usufruírem do espaço através dos lugares dos textos, harmonizando a sensibilidade estética e o entendimento dos lugares que guiam a leitura.

Na verdade, a representação do espaço, através de determinados pontos geográficos, assume acentuada relevância para a sequencialização da narrativa austeniana, o que permite a Jane Austen expressar o gosto que possui pelos cenários naturais, enaltecendo a paisagem como segmento essencial da sua ficção: “Disliking

London [...], Jane Austen set of her work in the country houses and villages with which she felt happiest”¹¹ (Lane, [1986] 2014, s.p.).

Deste modo, a autora propicia aos leitores o conhecimento de diferentes lugares, temporalizados e dinamizados por significações humanas, por intermédio de uma “life writing”, em que a natureza, enriquecida por uma componente pictórica, testemunha as diversas vivências que confluem para a solução final que é o matrimónio. O espaço natural torna-se, por conseguinte, local de encontro entre o ser humano e a ambiência na sua autenticidade, assim como entre os sujeitos e os lugares, transformando-se num espaço em que convergem relações e de onde decorrem as histórias de quem nele habita.

Efetivamente, estes são os lugares de Jane Austen, eternizados e mapeados através das paisagens descritas que permitem ler o espaço, que permitem olhar, sentir e ouvir o espaço e que conduzem os leitores a experienciarem vivências distintas de subjetividade, de alteridade e de identidade. Citando Ida Alves, “a paisagem, assim, torna-se um dispositivo muito provocador desse trajeto que liga sujeito, palavra e mundo por meio do olhar” (Alves, 2013, p. 184).

Com efeito, é possível conhecer os lugares através da literatura, assim como é possível conhecer a literatura através dos lugares numa reciprocidade que comprova a simbiose patente na obra romanesca austeniana entre a interioridade das personagens e os espaços escolhidos na apresentação da sociedade da época, com os seus valores civilizacionais, sociais e culturais.

Influenciada pelas mudanças coetâneas e pelas novas estruturas literárias, Jane Austen distingue-se como

a romancista a quem se deve a primeira grande realização artística e estética no romance inglês – a grande realização que torna o romance inglês um campo de estudo e investigação ímpar nos quadros da literatura inglesa e identifica uma diagnose civilizacional e cultural insubstituível (PINA, 1994, p. 7).

Em suma, reconhecendo o papel da literatura, da geografia e da arte, Jane Austen, através da sua mundividência, dá a conhecer, não só o espaço humano, social e

¹¹ Tradução nossa: “Não apreciando Londres [...], Jane Austen estabeleceu os seus romances nas casas de campo e nas aldeias nas quais se sentiu mais feliz”.

cultural, mas potencia igualmente a promoção e a dinamização dos lugares geográficos através dos seus textos literários.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Em torno da paisagem: literatura e geografia em diálogo interdisciplinar. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, nº 35, pp. 181-202, jul./dez. 2013.

AUSTEN, Jane. *Emma*. Oxford: Oxford University Press, [1815] 1998a. 488 p.

AUSTEN, Jane. *Persuasion*. Oxford: Oxford University Press, [1818] 1998b. 302 p.

AUSTEN, Jane. *Pride and prejudice*. Oxford: Oxford University Press, [1813] 1990. 351 p.

AUSTEN, Jane. *Sense and sensibility*. London: Penguin Books, [1811] 1995. 368 p.

BIRRENTO, Ana Clara. *As crónicas de Carlingford e a autobiografia de Margaret Oliphant: contributo para um estudo da comunidade conhecível*. 2002. 446 p. Tese de Doutoramento (Literatura Inglesa) – Universidade de Évora.

BUESCU, Helena. *Incidências do olhar: percepção e representação*. Lisboa: Caminho, 1990. 383 p.

BUESCU, Helena. Paisagem literária: imanência e transcendência. In: REIS, Carlos; BERNARDES, José Augusto Cardoso; SANTANA, Maria Helena. *Uma coisa na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. pp. 193-203.

FURTADO, Filipe. A era de Jane Austen. In: PINA, Álvaro. *Jane Austen*. Lisboa: Edições Colibri, 1994. pp. 11-45.

LANE, Maggie. *Jane Austen's England*. London: Robert Hale, [1986] 2014. 224 p.

PINA, Álvaro. *Jane Austen*. Lisboa: Edições Colibri, 1994. 192 p.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. 118 p.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, [1987] 2011. 464 p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996. 308 p.

SENA, Jorge de. *Inglaterra revisitada*. Lisboa: Edições 70, 1986. 83 p.

WILLIAMS, Raymond. *The english novel: from Dickens to Lawrence*. London: The Hogarth Press, [1970] 1984. 196 p.

WIRTH-NESHER, Hana. *City codes: reading the modern urban novel*. Cambridge University Press, 1996. 244 p.

Recebido em 04/07/2021.

Aceito em 01/11/2021.

Publicado em 15/12/2021.